

O massacre de Butcha, a Guerra na Ucrânia e o poder multimidiático



The Butcha massacre, the War in Ukraine and multimedia power

La masacre de Butcha, la guerra en Ucrania y el poder multimedia

Diego Pautasso¹
Rafael Algarte

DOI: 10.5752/P.2317-773X.2023v11n1p107-126.

Recebido em: 22 de maio de 2023
Aprovado em: 13 de março de 2024

Resumo: O presente artigo trata do massacre ocorrido em abril de 2022 na cidade ucraniana de Bucha. A grande mídia Ocidental – aqui entendido como seu núcleo EUA e Europa Ocidental – imediatamente responsabilizou o exército russo. Assim, o objetivo do trabalho é analisar como este massacre foi tratado pela mídia, tomando por recorte empírico *The New York Times*, dos EUA, *The Herald*, da Escócia, a agência de notícias ANSA, na Itália, o grupo *Russia Today (RT)*, o veículo *Al Jazeera* e os sites chineses *CGTN* e *Xinhua*. Metodologicamente, tratamos os fenômenos contemporâneos da comunicação em seu texto e contexto histórico, de modo a captar a relação entre corporações de mídia, produção de narrativas e eventos internacionais. Concluímos que o poder multimidiático ocidental se relaciona com a legitimação e instrumentalização de intervenções e, nesse caso, com a mobilização das forças da OTAN contra a Rússia na Guerra na Ucrânia.

Palavras-chave: Butcha, Rússia, Ucrânia

Abstract: This article deals with the massacre that occurred in April 2022 in the Uranian city of Bucha. The mainstream Western media – here understood as its core USA and Western Europe – immediately blamed the Russian army. Thus, the objective of the work is to analyze how this massacre was treated by the media, taking as empirical focus *The New York Times*, from the USA, *The Herald*, from Scotland, the news agency ANSA, in Italy, the group *Russia Today (RT)*, the vehicle *Al Jazeera* and the Chinese websites *CGTN* and *Xinhua*. Methodologically, we treat contemporary communication phenomena in their text and historical context, in order to capture the relationship between media corporations, narrative production and international events. We conclude that Western multimedia power is related to the legitimization and instrumentalization of interventions and, in this case, to the mobilization of NATO forces against Russia in the War in Ukraine.

Keywords: Butcha, Russia, Ukraine

1. Pós-Doutorado em Estudos Estratégicos Internacionais (2018), Doutor (2010) e Mestre (2006) em Ciência Política e Graduado (2003) em Geografia pela UFRGS. Professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Estudos Estratégicos Internacionais (UFRGS), do Centro de Estudos da América Latina e Caribe da Universidade de Ciência e Tecnologia do Sudoeste (Sichuan/China) e da Especialização em Relações Internacionais (UFRGS-Comando Militar do Sul). é professor de Geografia do Colégio Militar de Porto Alegre. É autor do livro “China e Rússia no Pós-Guerra Fria” e co-autor de “Teoria das Relações Internacionais: contribuições marxistas”. Email: dgautasso@gmail.com. Graduado em Jornalismo pela Universidade de Ribeirão Preto em 2015 e Especialista em Relações Internacionais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 2023. Email: fael_algarte@hotmail.com.

Resumen: Este artículo trata sobre la masacre ocurrida en abril de 2022 en la ciudad ucraniana de Bucha. Los principales medios de comunicación occidentales –entendidos aquí como sus principales Estados Unidos y Europa Occidental– inmediatamente culparon al ejército ruso. Así, el objetivo del trabajo es analizar cómo esta masacre fue tratada por los medios de comunicación, tomando como enfoque empírico The New York Times, de EE.UU., The Herald, de Escocia, la agencia de noticias ANSA, en Italia, el grupo Russia Today. (RT), el vehículo Al Jazeera y los sitios web chinos CGTN y Xinhua. Metodológicamente, tratamos los fenómenos de comunicación contemporáneos en su contexto textual y histórico, con el fin de capturar la relación entre las corporaciones mediáticas, la producción narrativa y los acontecimientos internacionales. Concluimos que el poder multimedia occidental está relacionado con la legitimación e instrumentalización de las intervenciones y, en este caso, con la movilización de las fuerzas de la OTAN contra Rusia en la Guerra de Ucrania.

Palabras clave: Bucha, Rusia, Ucrania

1. Introdução

No início do mês de abril de 2022, foi noticiado pelos jornais de todo o mundo Ocidental - aqui entendido como seu núcleo EUA e Europa Ocidental - um massacre perpetrado pelos russos em Bucha, cidade localizada a 30 quilômetros a noroeste da capital Kiev, na região norte próximo a Belarus e às margens do Rio Dnieper. O exército russo, que havia ocupado a cidade entre os dias quatro até 31 de março como parte de sua ofensiva militar iniciada dia 20 de fevereiro, foi responsabilizado. No primeiro dia do mês de abril, o exército ucraniano retomou territórios ao redor de Kiev e deu-se início a constatação de mortes violentas e indícios de tortura, com corpos espalhados pelas ruas da cidade.

Mapa 1: Mapa da Ucrânia



2. Ver map ana reportage, disponível em: <https://www.seattletimes.com/business/police-investigating-killings-of-12000-ukrainians-in-war/>, disponível em: <https://www.nytimes.com/2024/02/25/world/europe/cia-ukraine-intelligence-russia-war.html>

Fonte: Seattle Times, 2023².

O ocorrido em Butcha é parte do conflito russo-ucraniano cuja origem vai além da chamada Operação Especial de fevereiro de 2022. Segundo Sachs (2023), a Guerra na Ucrânia começou com a derrubada violenta do presidente, Viktor Yanukovich, em fevereiro de 2014, conhecida como Revolução Maidan, cuja ingerência estrangeira é inequívoca (Katchanovski, 2023). Logo se seguiu, como revelou o New York Times, o novo governo de Poroshenko e a CIA iniciaram uma campanha sistemática de espionagem, assassinato e provocação dirigida contra forças pró-russas no leste da Ucrânia e na Crimeia e contra a própria Rússia³.

A partir daí, se entrelaçam três dimensões: uma guerra interestatal entre a Rússia e a Ucrânia, uma guerra por procuração da OTAN contra a Rússia e também uma guerra civil no território ucraniano (Katchanovski, 2022). Cabe sublinhar o quadro histórico mais abrangente (Pautasso, 2014), pois trata-se de um processo articulado e multidimensional voltado à contenção da Rússia, envolvendo a expansão da OTAN e da União Europeia, a construção de escudos antimísseis (Polônia e República Tcheca), as intervenções ao redor de seu território (Iugoslávia, Síria, Iraque, Afeganistão) e as diversas ‘revoluções coloridas’ (Rosas na Geórgia-2003, Laranja na Ucrânia-2004 e 2014 e Tulipas na Quirguízia-2005). Ressalte-se que a Rússia conseguiu impedir algo semelhante na Bielorrússia, estabelecendo um cerco da OTAN em toda sua fronteira europeia do Mar Báltico ao Mar Negro.

Nesse sentido, o objetivo do trabalho é analisar como foi tratado pela mídia o massacre de Butcha. Sugerimos como hipótese que a produção de narrativas no Ocidente se prestou à condenação da Rússia sem espaço ao contraditório jornalístico. Teoricamente, tratou-se de um caso emblemático daquilo que Losurdo (2016) tratou como a inter-relação entre poder multimidiático ocidental e neocolonialismo econômico-tecnológico-judicial; ou, mais especificamente, como a produção de ideias e o espetáculo midiático se relacionam com a legitimação e instrumentalização de intervenções.

Para tanto, metodologicamente, tratamos os fenômenos contemporâneos da comunicação em seu texto e contexto histórico (Williams, 2011), de modo a captar a relação entre corporações de mídia, produção de narrativas e eventos internacionais. No caso desta pesquisa, foi realizado um levantamento quantitativo e qualitativo das notícias em veículos de mídia ocidentais e não-ocidentais representativos sobre o massacre de Butcha. Foram selecionados *The New York Times*, dos EUA, *The Herald*, da Escócia, e a agência de notícias ANSA, na Itália; e fora da supremacia comunicacional ocidental, o grupo *Russia Today (RT)*, o veículo *Al Jazeera* e os sites chineses *CGTN* e *Xinhua*. As reportagens foram analisadas entre fevereiro e junho de 2022 com vistas a entender a disposição dos destaques dados aos temas e das manchetes nas páginas de notícias e demais acessos que facilitam o acesso do leitor a determinado conteúdo. Aqui cabe uma ressalva: diferente de perspectivas etnocêntricas, a *RT* ou *CGTN* e *Xinhua* não são menos legítimas por serem mídias com vínculos com seus respectivos governos, seja porque existem canais similares na Europa (RAI, France Télévisions, BBC), seja porque as grandes corporações midiáticas privadas não estão isentas de linhas editoriais e suas respectivas censuras relacionadas aos poderes de proprietários e anunciantes⁴.

3. Ver detalhado dossiê do New York Times *The Spy War: How the C.I.A. Secretly Helps Ukraine Fight Putin*, disponível em: <https://www.nytimes.com/2024/02/25/world/europe/cia-ukraine-intelligence-russia-war.html>

4. Aliás, cabe destacar a extensão e a eficácia da censura ocorrida nos EUA sob o Macarthismo por meio de mídias privadas. Sobre o assunto o filme *Boa noite, boa sorte* e bastante ilustrativo desse período histórico.

Com isso, organizamos o artigo, primeiramente, discutindo o poder multimidiático, seus desdobramentos e óbices para a produção de conhecimento na área de Relações Internacionais. Depois, foi realizado um levantamento entre as mídias citadas para avaliar as abordagens e seus vieses. Por fim, retomamos o massacre de Butcha no quadro mais abrangente do conflito russo-ucraniano para situar a relação entre poder multimidiático ocidental e a legitimação de políticas de força.

2. Poder multimidiático e análise da conjuntura internacional.....

O desafio do campo das Relações Internacionais é produzir análises científicas sem necessariamente o distanciamento temporal do objeto. Como destaca Hobsbawn (1995), a aproximação do presente aumenta a dependência da imprensa diária e a dificuldade de escapar dos valores de seu tempo. A velocidade dos acontecimentos, a multiplicidade dos fatores causais e a proliferação de meios de informação amplificam a complexidade analítica. E, definitivamente, produzir conhecimento não é compor uma bricolagem de fatos e/ou uma babel de notícias. Joseph Nye (2002) destacou que a abundância de informação, aliás, dissipa a atenção e confunde a hierarquia dos eventos na medida em que os banaliza.

Este desafio analítico se torna maior porque há uma supremacia comunicacional inequívoca do Ocidente, afinal, como os demais ramos da economia, a centralização do capital também opera na indústria cultural e midiática. Como chamou atenção Williams (2011), os meios de comunicação são também meios de produção, pois relacionam as formas mais simples da linguagem às formas mais avançadas das novas tecnologias da comunicação. A oligopolização da geração de notícias internacionais, imbricadas às relações de poder político e corporativo dos países em questão (Miguel, 2002) são reproduzidas pela maioria das cadeias de televisão, jornais, rádios e mídias digitais de todo o mundo, dando a falsa ideia de democratização das comunicações. Como destacou Latouche (1996), *Associated Press* e *United Press* dos EUA, *Reuter* da Grã-Bretanha e *France Press* dominam amplamente a produção de notícias. Assim, qualquer debate sobre liberdade de expressão abstraído as representações sociais dos grupos de interesses e se aferrando ao formalismo não dá conta da qualidade da informação, da realidade e até da própria democracia.

Com efeito, a mídia atravessa tanto a produção de informação e de entretenimento, mas também de política e, pois, de opinião pública. Sob as novas tecnologias da informação, a mídia digital absorve as tradicionais (jornais, TV, revistas e rádios) e multiplica novas formas (YouTube, Twitter, Facebook, Instagram, Netflix). Herman e Chomsky (2003) destacaram o enorme papel de nove conglomerados transnacionais – Disney, AOL-Time Warner, Viacom (proprietária da CBS), News Corporation, Bertelsmann, General Electric (proprietária da NBC), Sony, AT&T-Liberty Media e Vivendi Universal - relacionados a estúdios cinematográficos, redes de televisão e empresas fonográficas.

No caso de guerras, a situação é ainda mais complicada dada a permeabilidade a operações psicológicas, incluindo propaganda e campanhas de contrainformação. Aliás, Bandeira (2016) foi exaustivo ao historicizar

casos de operações encobertas nas relações internacionais, como o recente ataque com armas químicas em Goutha (2013) cujo objetivo era escalar a guerra na Síria. Como destacou Losurdo (2016), a produção de ideias e de emoções são potencializados pela proliferação de mídias - da televisão às redes sociais, agora na palma da mão com os celulares, de modo que o espetáculo midiático é crucial para instrumentalizar e legitimar guerras, golpes e sanções.

Assim, se a hegemonia implica em um sistema de práticas e valores, de força e consentimento, os EUA têm sido pródigos em mobilizar os meios de comunicação. Nas assim chamadas duas ondas de golpes de Estado, a primeira iniciada em 1953 contra Mossadeg no Irã sob a Doutrina Truman e a segunda onda no Pós-Guerra Fria, a mídia tem sido decisiva, pois campanhas midiáticas de criminalização do governo e seu isolamento antecedem intervenções e golpes (Losurdo, 2016). Como historicizou Prashad (2020), os golpes promovidos por Washington sempre envolveram propaganda associada a sanções econômicas, apoio a mobilizações sociais, tentativa de captura das elites (inclusive militares), isolamento diplomático, entre outros.

Além desse poder multimidiático, Washington mobiliza estratégias para limitar o escopo da soberania, seja com doutrinas de política externa como *ataque preventivo*, seja com doutrinas como *intervenção humanitária* e *responsabilidade de proteger* no âmbito multilateral. Isso abre brechas para a crescente arbitrariedade num sistema internacional anárquico e assimétrico, sobretudo com o fortalecimento da OTAN que opera à margem do próprio Conselho de Segurança da ONU. O alargamento das “ameaças internacionais” tem permitido autorizações de embargos, zonas de exclusão aérea e mesmo intervenções armadas contra atos de genocídio, limpeza étnica e afronta aos direitos humanos (Pautasso; Azeredo, 2011).

Na Iugoslávia a utilização da *intervenção humanitária* se deu a partir de uma ampla mobilização midiática para forjar a opinião pública, sensibilizando e manipulando, para depois viabilizar a ingerência militar no país adversário. O caso das campanhas propagandísticas em agosto de 1998, quando valas comuns com 500 cadáveres foram denunciadas como crime sérvio, legitimaram as agressões da OTAN - eventos depois desmentidos pela própria Comissão de Observação da União Europeia. O fato é que se trata de mobilizar os diversos meios de comunicação para gerar contra o inimigo a ser abatido uma onda de indignação tão poderosa que se torne arrebatadora. Em outras palavras, o espetáculo midiático se presta à vilanização do inimigo para permitir a aceitação de toda virulência e violência levada a cabo pela ‘nação eleita’ (polícia do mundo), os EUA (Losurdo, 2016). Recorde-se que foi parte da sensibilização para o bombardeio da Sérvia em 1999 por mais de dois meses e meio em apoio ao separatismo de Kosovo - em flagrante violação do direito internacional - para, ato contínuo, estabelecerem bases militares no país. Daí a importância de situar os acontecimentos internacionais no “léxico da ideologia estadunidense”, relacionando o poder multimidiático ao consequente neocolonialismo econômico-tecnológico-judicial - e seu pacto de embargos e sanções econômicas, destabilizações políticas e impotência militar (Losurdo, 2016; Losurdo, 2010).

Em suma, o fazer científico no campo das Relações Internacionais requer rigor teórico-conceitual combinado com recurso à história de modo a lograr objetividade em meio a um fluxo enorme de informações, notícias e acontecimentos, bem como sistemas de valores relacionados ao processo de socialização e ao seu tempo e lugar social. Ao lidar com países como a Rússia, vieses etnocêntricos perpassam do ensino até a mídia, passando pela produção cultural - tudo isso ecoada por décadas de campanha anticomunista herdada da Guerra Fria, sob o signo do Macarthismo. Vejamos o caso da cobertura jornalística relativa ao massacre de Butcha.

3. O poder multimidiático e a cobertura jornalística no massacre de Butcha

Uma análise do noticiado sobre o ocorrido em Butcha é absolutamente revelador do poder multimidiático ocidental e de uma campanha evidente de vilanização da Rússia. Até meados de novembro de 2022, o *The New York Times* fez 357 publicações realizadas até o mês de novembro de 2022; o *The Herald* fez 45 publicações destinadas ao assunto até o mês de novembro do ano de 2022; e a agência ANSA fez 95 conteúdos publicados no mesmo recorte de tempo e feita a filtragem pelo termo Butcha.

O jornal *The New York Times* realizou diversas reportagens, com destaque para a feita pelos correspondentes Andrew E. Kramer e Neil MacFarquhar, intitulada *Russia in Broad Retreat From Kyiv, Seeking to Regroup From Battering*. Nesta, são reproduzidas análises de repórteres com as primeiras informações de corpos encontrados com pés e mãos amarrados pela cidade ucraniana. Logo em seguida, cresceu o número de publicações do jornal estadunidense sobre Butcha através de depoimentos dos sobreviventes das semanas de invasão russa. O ato de esmiuçar a cobertura sobre o que aconteceu em Butcha ganhou espaço, passando de apenas citações entre outros eventos até dia três de abril, para mais de 30 publicações exclusivas sobre as mortes no passar de apenas dois dias.

A cobertura realizada nos primeiros dias pelo veículo escocês *The Herald*, trouxe a repercussão imediata de líderes internacionais e um acréscimo no número de mortes. O termo *crime de guerra* passou a ser utilizado rapidamente por diferentes lideranças mundiais, como o presidente Joe Biden acompanhado do pedido imediato de mais sanções contra o governo russo. A reportagem que leva a manchete *Putin sends 130,000 conscripts to war as evidence of killings grows*, publicada em 4 de abril trouxe uma série de líderes condenando o ataque, entre eles o ex-Primeiro Ministro Boris Johnson e a presidente da Comissão Europeia Ursula Von Der Leyen. Aliás, as reportagens exibidas pelo *The Herald* citou outros veículos como fonte de informação nas reportagens *Ukraine: International condemnation after of mass killing near Kyiv* e *Putin sends 130,000 conscripts to war as evidence of killings grows*.

A agência de notícias italiana ANSA iniciou em 2022 o processo de produção de materiais referentes a Butcha após a divulgação das imagens de civis mortos na região de Kiev. Mesmo sem um *background* dos fatos, declarações ou citações sobre Butcha antes do episódio, foi feita a produção de conteúdo sobre o conflito e suas consequências futuras. A

publicação inicial sobre Butcha foi realizada no dia quatro de abril e trouxe o ex-Primeiro Ministro da Itália Mario Draghi condenando os ataques. Desde a primeira reportagem da agência, o tom adotado pelo político é voltado a dizer que as autoridades russas deveriam responder pelo que chamou de *massacre*. Somente após a décima publicação é vista a posição da Rússia perante as acusações proferidas.

A cobertura do *The New York Times* se apoiou na tentativa de esclarecer pontos e refutar a narrativa russa. Prova disso é a reportagem publicada no dia quatro de abril intitulada *Satellite images show bodies lay in Butcha, despite Russian claims*. O caminho tomado pelo jornal é de informar que as mortes de civis aconteceram antes da saída de soldados russos da cidade. Foram usadas imagens de satélite registradas quando a região era dominada pelo exército de Vladimir Putin e comparadas com as cenas de vídeos onde os corpos aparecem caídos em ruas da cidade. As imagens datadas em 11 de março, apontam o que seriam 11 corpos na Yablonska Street, em Butcha. A reportagem assinada por Malachy Browne, David Botti e Haley Willis (2022) ainda afirmou que os objetos registrados por satélite permaneceram na mesma posição por três semanas.

No dia seguinte à publicação do *The New York Times*, o grupo escocês também trouxe o assunto em manchete na reportagem *Ukraine Butcha: Satellite images show bodies left in the open*. O posicionamento de líderes internacionais é inserido no texto através de aspas em tom condenatório à descoberta das imagens. O *The Herald* seguiu uma linha parecida na construção da reportagem com a que foi escolhida pelo *The New York Times*. Em ambas há o tom endereçado a responder às declarações russas.

O *The New York Times* fez uma breve referência ao pedido realizado no dia três de abril de 2022, por parte do governo russo, sobre a reunião de urgência no Conselho de Segurança. A cobertura do episódio que envolveu o pedido russo não ganhou manchete no *The New York Times*. Realizado um recorte por data, o jornal fez 64 publicações até o dia 21 de abril sobre a temática e nenhuma delas trouxe o assunto em destaque. Por outro viés, o Conselho de Segurança das ONU foi citado inúmeras vezes quando a abordagem se referia aos apelos de Volodymyr Zelensky, denúncias de crimes de guerra e dificuldades para o entendimento em um possível acordo de paz. Para efeito de ilustração, o assunto foi assim tratado nas publicações *The U.N Security Council meets as Ukraine accuses Russia of atrocities*, *Zelensky Accuses Russia of Atrocities and Criticizes UN'S Inaction* e *Russia rejects calls for a cease-fire to enable evacuations, saying Ukraine only wants time to arm*. A dinâmica adotada pelo jornal ao explorar as respostas do governo russo sobre as acusações apareceram, quase sempre, no desenvolver do texto e não em destaque. Como na reportagem onde é noticiado o discurso de Zelensky no Conselho, a retratação da defesa russa é acompanhada por trechos como “refutado por ampla evidência”, “uma série de outras alegações sem suporte” e “incluindo declarações falsas”.

O *The Herald* trouxe a informação que EUA e Reino Unido boicotaram a reunião informal do Conselho de Segurança e apontou como justificativa declarações infundadas da Rússia ao afirmar que os estadunidenses possuíam laboratório para o desenvolvimento de armas biológicas em território ucraniano. Nos dias seguintes, os artigos publicados pelo

veículo escocês não destoaram da abordagem retratada em outras reportagens. Os textos redigidos por Neil Mackay e Iain Macwhirter (2022) citaram o papel do Conselho de Segurança e as medidas que poderiam ser tomadas pelo organismo no sentido de condenação dos atos atribuídos aos russos. As explicações feitas por Mackay são variadas e vão até afirmações de que a Rússia deveria ser excluída do Conselho de Segurança, mesma linha de Macwhirter no artigo *Ukraine's heroes are fighting for European civilisation itself, so pass the ammunition* sob alegação de ser um Estado que desrespeita o direito internacional.

Na busca de conteúdo opinativo sobre o conflito no *The New York Times*, o jornal usou a comissão editorial do grupo no artigo *Document the War in Ukraine*. A publicação revisitou momentos históricos e marcados pelo julgamento de crimes de guerra, como o Tribunal de Nuremberg, e condenou a Rússia pelos episódios de Butcha e outros em Kharkiv e Chernihiv. Ensejou, inclusive, a condenação da Rússia no Tribunal Penal Internacional por crime contra humanidade, genocídio e crime de guerra - Tribunal ao qual os EUA sequer são signatários.

O recorte de data também é aplicado à mesma filtragem a qual foram submetidos dois veículos citados anteriormente, a agência italiana ANSA não apresenta nenhuma postagem realizada por colunistas. Na mesma data e semana em que foram publicados os artigos do *The New York Times* e *The Herald*, a escolha da agência sobre o assunto é a de apresentar os discursos de diferentes autoridades sobre o tema.

De fevereiro a abril de 2022 o *The New York Times* veiculou 15 publicações ligadas ao termo tortura. As manchetes - *They shot my son. I was next to him. It would be better if had been me; I Didn't think My Mother Would Escape Putin Twice*; e *Up-Close Ukraine Atrocity Photographs Touch a Global Nerve* - deram o tom dos assuntos e da abordagem realizada pelo jornal. Dentro do recorte de dois meses de guerra, o jornal escocês relacionou os termos *tortura* e *Butcha* a 36 publicações sobre o conflito entre Rússia e Ucrânia, como foi o caso em *Zelensky Tells UN of Russian atrocities and demands immediate prosecution*. Durante o exercício de análise nos conteúdos, foi notado o uso da palavra *genocídio* sendo utilizada em discursos de líderes internacionais. Em recorte realizado entre os meses de março a junho de 2022, foram mais 46 publicações. Em ordem cronológica, é notada uma mudança nas falas proferidas por Biden entre os dias quatro e 13 de abril, sendo o termo *crimes de guerra* escolhido em um primeiro momento e depois acrescido pelo de *genocídio* como na reportagem *President Biden accuses Russia of committing genocide in Ukraine*.

Não apenas a *Russia Today*, mas também a *Xinhua* e a *Al Jazeera* fizeram um contraponto à hegemonia comunicacional ocidental. A primeira reportagem sobre o ocorrido em Butcha da agência russa se baseou nas declarações do Ministro da Defesa russo Sergei Shoigu e nas falas de Anatoly Fedoruk, prefeito de Butcha, afirmando a retomada do território e a não citação de que corpos foram encontrados pelas ruas da cidade. Por sua vez, a agência de notícias chinesa *Xinhua* adota uma linha visível de cuidado na escolha de palavras e composição de manchetes como atrativo das reportagens. A notícia escolhida pela agência datada em seis de abril pediu moderação dos líderes mundiais sobre o episódio em Butcha e

apoio à investigação imparcial. Aliás, a *Russia Today* ressaltou a negativa do Conselho de Segurança da ONU para a realização de uma apuração imparcial, como explorado na reportagem *Kremlin responds to Butcha war crimes claims — RT Russia & Former Soviet Union*. A resposta aos apelos russos não teve a mesma celeridade na qual chegaram as declarações negativas da ONU sobre a Rússia.

A rede de televisão *Al Jazeera* abriu espaço em uma reportagem da sua agência de notícias com as declarações categóricas de Dmitri Peskov afirmando que as acusações feitas pela Ucrânia e líderes ocidentais não se sustentam mediante a cronologia dos fatos, dando espaço ao contraditório. No mais, a rede *Al Jazeera* convergiu com as perspectivas adotadas pelos grupos de mídia ocidentais.

A *Russia Today*, na reportagem *Russia and Ukraine trade accusations over Butcha civilian deaths*, revelou que o serviço de inteligência havia alertado sobre as tentativas ucranianas de manipular o cenário bélico e criar uma narrativa que levasse ao entendimento do ocidente que os soldados russos deveriam ser culpabilizados pelas torturas registradas, inclusive utilizando interceptações do Serviço de Inteligência da Rússia que detectou uma comunicação entre os governos britânico e ucraniano.

Já a rede chinesa *CGTN* dedicou as publicações datadas em quatro de abril de 2022 a reforçar a perspectiva russa nas reportagens *Moscow to launch probe into Butcha footage of dead civilians*, *Russia rejects Ukraine's Butcha killings accusations* e *Outrage grows at evidence of Russian 'war crimes' in towns near Kyiv: World leaders condemn the reported massacre, denied by Russia*. Nesta última reportagem houve o esforço de exibir impressões causadas pelo episódio em Butcha vindas de diferentes pontos de vista para que o próprio leitor tirasse as conclusões. As aspas destinadas ao Ministro de Relações Exteriores da Rússia Sergei Lavrov são dedicadas à denúncia de manipulação nas imagens que percorreram os periódicos mais relevantes do mundo embaladas pelos patronos ocidentais da Ucrânia. A estatal chinesa *CGTN* abordou durante o telejornal as dificuldades de uma investigação em Butcha em entrevista com Zhang Xin, professor associado na Escola de Política e Relações Internacionais da Universidade da China Oriental, que demandou um trabalho forense independente.

A cobertura da guerra entre Rússia e Ucrânia realizada pela agência de notícias chinesa *Xinhua* é menor em reportagens e artigos na comparação com todos os veículos destacados até aqui. O uso de termos escolhidos pela agência também são destoantes até quando comparados com a também chinesa *CGTN*. A *Xinhua* não utilizou o termo *guerra* para se referir ao ocorrido entre Rússia e Ucrânia e o mesmo se repetiu em artigos, manchetes, frases ou até legendas de imagens. Na ferramenta de busca, os termos *guerra Ucrânia* ou *guerra Rússia* não aparecem, mas sim os termos *conflito* e *operação militar*. O quadro 1 sintetiza a triagem midiática sobre o massacre de Butcha no periódicos elencados.

Quadro 1

TRIAGEM DA COBERTURA MIDIÁTICA PELO VIÉS OCIDENTAL E NÃO OCIDENTAL			
	Pró-Rússia	Contrários	Neutro
Occidental		<ul style="list-style-type: none"> • Russia Retreats From Kyiv, Seeking to Regroup From Battering - The New York Times 02/04/2022 • Dead Lay Out in Bucha for Weeks, Refuting Russian Claim, Satellite Images Show - The New York Times 04/04/2022 • Up-Close Ukraine Atrocity Photographs Touch a Global Nerve - The New York Times 05/04/2022 • Zelensky Accuses Russia of War Crimes, Criticizes U.N.'s Inaction - The New York Times (nytimes.com) 05/04/2022 • Opinion Document War Crimes in Ukraine (Even if Putin Never Faces Justice) - The New York Times 06/04/2022 • Bucha's Month of Terror - The New York Times 11/04/2022 • Opinion I Didn't Think My Mother Would Escape Putin Twice - The New York Times 17/04/2022 • They Fell Deeply in Love in Bucha. One Russian Bullet Ended It All. - The New York Times 02/05/2022 • Iain Macwhirter: Ukraine's heroes are fighting for European civilisation itself, so pass the ammunition HeraldScotland 10/04/2022 • Ukraine: International condemnation after reports of mass killings near Kyiv HeraldScotland 04/04/2022 • Ukraine: More than 5000 civilians killed in Mariupol HeraldScotland 07/04/2022 • Neil Mackay: As Ukraine slaughter continues, what's the point of the United Nations? HeraldScotland 07/04/2022 	<ul style="list-style-type: none"> • Ukraine: Odesa targeted as Russia regroups in the south HeraldScotland 03/04/2022 • Putin sends 130,000 conscripts to war as evidence of civilian killings grows HeraldScotland 04/04/2022 • >>>ANSA/Don't have elements to prove genocide says Di Maio - English Service - ANSA.it 15/04/2022

	Pró-Rússia	Contrários	Neutro
Ocidental		<ul style="list-style-type: none"> • They Fell Deeply in Love in Bucha. One Russian Bullet Ended It All. - The New York Times 02/05/2022 • Iain Macwhirter: Ukraine's heroes are fighting for European civilisation itself, so pass the ammunition HeraldScotland 10/04/2022 • Ukraine: International condemnation after reports of mass killings near Kyiv HeraldScotland 04/04/2022 • Ukraine: More than 5000 civilians killed in Mariupol HeraldScotland 07/04/2022 • Neil Mackay: As Ukraine slaughter continues, what's the point of the United Nations? HeraldScotland 07/04/2022 • Russian atrocities in Bucha could be genocide, Johnson says HeraldScotland • >>>ANSA/Pope holds up Ukraine flag after Bucha 'cruelties' - English Service - ANSA.it 06/04/2022 • Ukraine: Putin will answer for his actions says Draghi (2) - English Service - ANSA.it 05/05/2022 • Shock at Bucha images, guilty must pay - Di Maio (11) - English Service - ANSA.it 04/04/2022 	
	Pró-Rússia	Contrários	Neutro
Não-Ocidental	<ul style="list-style-type: none"> • Moscow to launch probe into Bucha footage of dead civilians - CGTN 04/04/2022 • Russia rejects Ukraine's Bucha killings accusations - CGTN 04/04/2022 • Mayor says Kyiv satellite town Bucha recaptured by Ukraine - CGTN 02/04/2022 	<ul style="list-style-type: none"> • Inside Ukraine's war crimes investigations Russia-Ukraine war Al Jazeera 21/06/2022 • Photos: Bucha residents picking up the pieces of shattered lives Russia-Ukraine war News Al Jazeera 01/05/2022 • Photos: Russia launches 'full-scale invasion' in Ukraine Russia-Ukraine war News Al Jazeera 24/02/2022 	<ul style="list-style-type: none"> • UN chief urges independent probe of civilian deaths in Ukraine's Bucha - Al Jazeera 04/04/2022 • Russia denies military forces killed Bucha civilians in Ukraine Al Jazeera 04/04/2022 • Russia's invasion of Ukraine: List of key events on day 50 Al Jazeera 14/04/2022

	Pró-Rússia	Contrários	Neutro
Não-Occidental	<ul style="list-style-type: none"> China calls for full investigation into Bucha killings - CGTN 06/04/2022 GLOBALink China calls for restraint surrounding Bucha incident-Xinhua 06/04/2022 UN chief welcomes Security Council speaking with one voice for peace in Ukraine-Xinhua 07/05/2022 UN Security Council to address food security, Russia-Ukraine conflict in May-Xinhua 04/05/2022 West's sanctions turn Ukraine conflict into "global economic war": Hungary's Orban-Xinhua 26/09/2022 Kremlin responds to Bucha war crimes claims — RT Russia & Former Soviet Union- 04/05/2022 Pentagon confirms 'complete withdrawal' of Russian troops — RT Russia -07/04/2022 The truth about Bucha is out there, but perhaps too inconvenient to be discovered — RT Russia & Former Soviet Union 04/04/2022 Russia and Ukraine trade accusations over Bucha civilian deaths /RT Russia & Former Soviet Union 04/04/2022 Russia calls Security Council meeting over Bucha — RT Russia & Former Soviet Union 03/04/2022 	<ul style="list-style-type: none"> Russia-Ukraine latest updates: Germany to expel Russian envoys Russia-Ukraine war News Al Jazeera 03/04/2022 	<ul style="list-style-type: none"> Outrage grows at evidence of Russian 'war crimes' in towns near Kyiv - CGTN 05/04/2022 UN chief urges independent investigation into Bucha killings - CGTN 05/04/2022 UN war crimes inquiry collects evidence in Bucha and Irpin - CGTN 16/06/2022

	Pró-Rússia	Contrários	Neutro
Não-Occidental	<ul style="list-style-type: none"> Russia denies Ukraine war-crimes allegations — RT Russia & Former Soviet Union 03/04/2022 		

Fonte: The New York Times, The Herald, ANSA, Russia Today, CGTN, Xinhua e Al Jazeera, 2022

Em perspectiva, o poder multimidiático ocidental pautou completamente a narrativa e análises sobre o conflito russo-ucraniano e a responsabilização russa pelo massacre de Bucha. Não bastasse a inequívoca supremacia comunicacional dos EUA e seus aliados, em fevereiro de 2022, várias empresas estadunidenses baniram a mídia estatal russa de seus sistemas. Enquanto a Apple, YouTube e DirecTV restringiam a difusão de conteúdo da RT, Facebook e Twitter permitem mas com alertas de “mídia controlada/afiliada pelo estado da Rússia”. Em seguida, em março, o Conselho da Europa emitiu um pacote de sanções à Rússia proibindo os meios de comunicação estatais russos *RT* e *Sputnik* em todo o continente por qualquer meio, como cabo, satélite e Internet, enquanto cidadãos russos e suas manifestações culturais e esportivas eram banidas em vários âmbitos dos países ocidentais. Contudo, é objeto de condenação apenas as restrições impostas pelo governo russo a posições divergentes mesmo diante de um quadro de guerra em larga escala contra o bloco de países da OTAN.

4. Butcha: espetáculo e guerra na Ucrânia

Compreender conflitos internacionais, tais como a Guerra na Ucrânia, requer buscar sua natureza e historicidade, as forças envolvidas e suas motivações imediatas e profundas. Trata-se de ultrapassar sua aparência e os efeitos colaterais emocionais intrínsecos a todas as tragédias humanitárias. Deve-se levar em conta a raiz do conflito, suas determinantes históricas e resultantes a partir do quadro da correlação de forças. É preciso averiguar as lutas internas e internacionais envolvidas, quase sempre entrelaçadas. Importante também os elementos de continuidade e ruptura, bem como as dissonâncias entre objetivos e desdobramentos concretos ou entre narrativas e lógicas internas.

O massacre de Butcha se enquadra naquilo que assinalou Losurdo (2016) ao relacionar o poder multimidiático ao espetáculo das emoções necessárias para instrumentalizar e legitimar sanções e intervenções. Se é inócua a celebração existencial da violência, também é o culto ingênuo da paz dissociado dos processos de emancipação quanto da preservação da dominação neocolonial econômica-tecnológica-judicial (Losurdo, 2012; Losurdo, 2016). É preciso, pois, hierarquizar as contradições em questão, pois, como sublinhou Katchanovski (2022), além da guerra civil e da guerra interestatal russo-ucraniana, se sobrepõe uma guerra por procuração da OTAN contra a Rússia.

O atual conflito na Ucrânia possui raízes remotas na Revolução Laranja (2004) e escalada após eventos de Maidan (2014) que levou à deposição de Yanukovich sem prerrogativas legais da Rada e ruptura do acordo entre o presidente e os representantes da oposição, garantido pelos chanceleres da Polônia, Alemanha e França. Em seguida, após referendo popular, a Rússia reincorporou a República da Crimeia e de Sebastópolis, levando à onda de sanções ocidentais contra Moscou e levantes populares em Donbass, cuja resposta de Kiev foi escalar para uma guerra civil (Bandeira, 2016).

Ato contínuo à mudança de regime na Ucrânia, o objetivo era avançar ainda mais as fronteiras da OTAN. Criada em 1949 “para fornecer a segurança coletiva contra a União Soviética”, como reconhece o Departamento de Estado⁵, a organização tem se expandido sistematicamente mesmo com o fim da Guerra Fria - em violação das promessas feitas aos líderes da antiga União Soviética: em 1999, incorporou Polônia, Hungria e República Tcheca; em 2004 Estônia, Letônia, Lituânia, Bulgária, Romênia, Eslovênia e Eslováquia; em 2009 Albânia e Croácia; e em 2019, Montenegro. Tudo indica que Finlândia e Suécia venham a aderir à organização ainda este ano, assim como se desenha desde a Cimeira de Bucareste de 2008⁶, o intento de incluir a Ucrânia e a Geórgia. Definitivamente, expandir uma aliança da Guerra Fria para a fronteira da Rússia jamais iria construir uma arquitetura de segurança na Europa. Aliás, considerar uma decisão soberana da Ucrânia implica desconsiderar a natureza da OTAN e a própria constituição de seu Estado.

Além do ingresso em uma aliança militar ofensiva, e do histórico de agressões do Ocidente à Rússia, é preciso considerar a genealogia da Ucrânia. Trata-se de um país que inexistiu senão como entidade soviética pós-revolução e apenas independente com o fim da URSS, cujas origens estão historicamente ligados aos *rus* da região do rio Dnieper miscigenados dos vikings (escandinavos) com eslavos orientais. Foi desse núcleo territorial que os diversos impérios russos se sucederam, englobando diversas outras nacionalidades e abrangências fronteiriças. Buscando criar uma identidade própria, a Ucrânia independente trilhou o caminho da negação do legado russo-soviético, ao passo que buscava a herança das forças de extrema direita da Segunda Guerra Mundial na figura de Stepan Bandeira. Assim, de um lado, se processou a perseguição aos russos e a tentativa de apagamento histórico, incluindo a negação do acesso histórica presença na Crimeia e Mares Negro e de Azov; de outro, se viu o crescente poder das milícias nazistas (Batalhão Azov) oriundas da organização de extrema-direita Patriota da Ucrânia posteriormente integrada às Forças Armadas⁷.

A escalada do conflito contra forças pró-russas era parte dessa construção nacional, sob crescente interesse de Washington de atrair a Ucrânia para sua esfera de influência europeia e conter a ascensão da Rússia. Putin, por seu turno, apresentou, em 2014, um plano de paz, conhecido como Acordo de Minsk, que incluía o cessar-fogo e autonomia para as províncias de Donetsk e Lugansk - ignoradas pelas forças ucranianas (Bandeira, 2016). Seguiu-se o Acordo de Minsk II, incluindo Rússia, Ucrânia, OSCE, além do apoio de líderes da França e da Alemanha voltado

5. Ver site do Departamento de Estado: <https://history.state.gov/milestones/1945-1952/nato#:~:text=The%20North%20Atlantic%20Treaty%20Organization,security%20against%20the%20Soviet%20Union.&text=NATO%20was%20the%20first%20peacetime,outside%20of%20the%20Western%20Hemisphere.>

6. Ver declaração da OTAN: https://www.nato.int/cps/en/natolive/official_texts_8443.htm

7. Embora existam grupos nazistas na Ucrânia e na Rússia não se sustenta, é no primeiro que é parte orgânica do núcleo político.

à resolução do impasse, baseado em cessar-fogo, retirada de mercenários, assistência humanitária e eleições em Donetsk e Lugansk. Como recentemente confidenciou a ex-chanceler alemã Angela Merkel, a real intenção do Ocidente por trás de sua negociação com a Rússia e a Ucrânia para promover um cessar-fogo em 2014 por meio dos Acordos de Minsk eram “dar tempo à Ucrânia” para que se tornasse “mais forte”⁸. Enquanto isso, como revelou o *New York Times*, era fortalecida a rede de espionagem dos EUA na Ucrânia⁹ e a infraestrutura militar dos EUA com vistas a tornar fato consumado o ingresso na OTAN.

A escalada do conflito após 2014 não está dissociada da política dos EUA de contenção do eixo sino-russo, como já destacado (Pautasso, 2019). Se na primeira camada o conflito representa uma violação da soberania ucraniana, noutras camadas representa uma resposta russa a múltiplas violações do direito humanitário e de direitos humanos: a expansão da OTAN, a sabotagem dos Acordos de Minsk e os recorrentes massacres de russos no Leste do país. Tudo isso num quadro mais amplo de sistemáticas intervenções na Sérvia (1999), Afeganistão (2001-2021) e Líbia (2011) à margem da institucionalidade internacional. À guerra por procuração (*proxy war*) da OTAN na Ucrânia, estiveram articuladas a sucessões de sanções e sabotagem. São sintomáticas as explosões dos oleodutos *Nord Stream 1* e *2*, cujas suspeitas recaem sobre os EUA, dada a oposição de seus aliados no Conselho de Segurança em estabelecerem uma comissão internacional independente para investigar o ocorrido no Mar Báltico¹⁰.

Em sentido oposto, assim como o massacre de Butcha, a queda do avião da Malaysia Airlines em 2014 e a morte do opositor Navalny na cadeia em 2024 receberam condenações prévias dos EUA e seus aliados antes que qualquer investigação fosse concluída. No voo MH17 de Amsterdã para Kuala Lumpur que foi abatido vitimando 298 passageiros, somente em 2019 a Equipe Conjunta de Investigação (JIT) liderada pela Holanda concluiu o processo acusando a milícia rebelde de Donbass e estendendo a responsabilidade à Putin, rejeitada pela Rússia e inclusive por Mahathir Mohamad, primeiro-ministro da Malásia. Em razão da morte da Navalny, os EUA decretaram extensas sanções contra mais de 500 indivíduos e entidades na Rússia e no mundo¹¹. Não bastasse o poder multimidiático, uma análise dos Comunicados de Imprensa, Declarações e Relatórios da Comissão de Direitos Humanos da ONU¹² revelam condenações praticamente unilaterais à Rússia, incluindo o relatório de setembro de 2022 feito por sua comissão internacional independente de investigação (IICI) sem uma investigação por comissões competentes.

Não apenas sobre o massacre de Butcha, o poder multimidiático ocidental se impôs na construção da narrativa da Guerra na Ucrânia. Os desdobramentos concreto do conflito, contudo, são mais complexos: diplomaticamente, não conseguiu isolar a Rússia, como a proposta dos EUA para remover a Rússia do Conselho de Direitos Humanos da ONU que não contou com apoio de 100 países e 76% da população mundial¹³; economicamente, não destruiu a economia russa que em 2023 foi o segundo maior superávit comercial do mundo em 2023, com um recorde de US\$ 333,4 bilhões¹⁴; politicamente, a legitimidade de Putin aumentou da casa

8. Ver reportagem do Global Times intitulada “Real intention behind Minsk agreements further destroys credibility of the West” disponível em: <https://www.globaltimes.cn/page/202212/1281708.shtml>.

9. Ver detalhado dossiê do New York Times The Spy War: How the C.I.A. Secretly Helps Ukraine Fight Putin, disponível em: <https://www.nytimes.com/2024/02/25/world/europe/cia-ukraine-intelligence-russia-war.html>

10. Ver site da ONU, disponível em: <https://press.un.org/en/2023/sc15243.doc.htm>

11. Ver nota do Departamento de Estado dos EUA “Responding to Two Years of Russia’s Full-Scale War On Ukraine and Navalny’s Death”, disponível em: <https://www.state.gov/imposing-measures-in-response-to-navalnys-death-and-two-years-of-russias-full-scale-war-against-ukraine/>

12. <https://press.un.org/en/2023/sc15434.doc.htm>

13. Ver dados da votação na ONU: <https://news.un.org/en/story/2022/04/1115782>

14. Ver reportagem da RT China and Russia top list of states with largest trade surplus – study: <https://www.rt.com/business/573611-china-russia-trade-surplus/>

de cerca de 70% para 83%¹⁵; e, por fim, militarmente, e apesar da mobilização de um conjunto de países ocidentais. Ademais, as perspectivas da Ucrânia são desalentadoras, apesar dos esforços dos EUA e seus aliados. A economia ucraniana encolheu mais de 30%¹⁶, enquanto o número de refugiados ultrapassou 8 milhões somente na Europa e quase 6 milhões de deslocados internos¹⁷. Territorialmente, o mínimo que se sinaliza é a perda de quatro províncias (Donetsk, Luhansk, Kherson e Zaporizhzhia) - a depender do prolongamento do conflito.

15. Ver dados da Statist: <https://www.statista.com/statistics/896181/putin-approval-rating-russia/>

16. Ver reportagem da CNN: <https://edition.cnn.com/2023/01/05/business/ukraine-economy/index.html>

17. Ver dados da Agência da ONU: <https://www.unrefugees.org/emergencies/ukraine/>

Não seria exagero afirmar que o pilar comunicacional seja mais consistente daqueles que compõem as estruturas hegemônicas de poder herdadas do Pós-Segunda Guerra Mundial, formadas por diversas dimensões (militar, política, econômica e ideológica) e vínculos de interesses entre países, organizações internacionais e corporações (Guimarães, 2000), estão em transformação. Em perspectiva histórica, é inequívoco o deslocamento do epicentro produtivo, tecnológica e comercial para China e região. Contudo, o domínio ideológico e cultural ocidental parece mais refratário às mudanças, o que explica a supremacia comunicacional, cujo entrelaçamento na produção de subjetividades perpassa da cultura à ciência e à política. Nesse sentido, o que estamos a assistir é o excepcionalismo e suas fundamentações em noções como ‘império da liberdade’, ‘líder do mundo livre’, ‘nação eleita’ e ‘polícia do mundo’ (Walt, 2011). Há, pois, uma poderosa construção mental assentada na presunção de virtude (Mahbubani, 2021) cujo papel do poder multimidiático é central, fazendo o universalismo ocultar o etnocentrismo exaltado e o imperialismo (Losurdo, 2023).

Considerações Finais

O levantamento e análise quantitativa e qualitativa das reportagens da mídia ocidental - ao qual podemos somar a *Al Jazeera* - se alinham num claro tom condenatório da Rússia. Principalmente os *The Herald* e *The New York Times* se concentraram em acusações contra a Rússia, exigindo ações políticas de endurecimento de sanções, críticas severas à inércia para barrar as tropas de Vladimir Putin e até a sugestão para criação de tribunais para condenar as ações cometidas na Ucrânia. É inequívoco o engajamento na direção de uma visão unilateral, com escasso espaço para o contrário, revelando não apenas um precário exercício do jornalismo quanto um empobrecimento da esfera pública democrática. Ou seja, as narrativas sobre o massacre de Butcha revelam o poder multimidiático dos EUA e seus aliados, sem qualquer direito ao contraditório e presunção de inocência, tampouco cumprindo os requisitos e formalidades jurídico-diplomáticas. Essa condenação imediata e unilateral realizada por tais mídias ocidentais revelam a sobreposição de propósitos estratégicos a qualquer outra finalidade jornalística.

Se guerras são conflitos de direitos, estas possuem determinantes e responsabilidade assimétricas. E nesse quadro, fica evidente que a narrativa ocidental estava eivada de intencionalidades: enfraquecer Putin, estrangular a economia russa, isolar o país diplomaticamente e levá-lo à derrota militar. O poder multimidiático ao qual se refere Losurdo (2016)

entrelaçou reportagens jornalísticas a atividades propagandísticas dos EUA e seus aliados.

O massacre de Butcha e a Guerra na Ucrânia sinalizam, primeiramente, que a Rússia superou a fragilidade herdada do colapso soviético, voltando à cena internacional com assertividade e capacidade de garantir a segurança de seu entorno regional, desde a modesta ocupação do aeroporto de Pristina (1999), passando pela invasão da Geórgia (2008), o apoio à Síria contra o Estado Islâmico e agora com a Guerra na Ucrânia. Não é exagero supor que estamos diante de uma transição sistêmica, como assinalou Arrighi (2012). Se, por um lado, tem sido inquestionável a supremacia comunicacional do Ocidente, por outro, não são poucas as fissuras nas estruturas hegemônicas de poder centradas em Washington e os seus limites de projeção de força através da OTAN.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Al JAZEERA. About us. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/about-us>. Acesso em 26/11/2022.

ANSA. Corporate. Disponível em: https://www.ansa.it/corporate/en/info/2017/07/04/the-numbers_c96ef431-9ff2-4fd9-b68a-f0c5e46fc30b.html. Acesso em: 21/11/2022.

ARRIGHI, Giovanni. **O longo século XX**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **A Desordem Mundial**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

BROWNE, Malachy; BOTTI, David; WILLIS, Haley. Satellite images show bodies lay in Butcha for weeks, despite Russian claims. The New York Times, 2022. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2022/04/04/world/europe/bucha-ukraine-bodies.html?searchResultPosition=4>. Acesso em : 12/11/2022.

CGTN, China Global Television Network. About us, 2016. Disponível em: <https://www.cgtn.com/about-us>. Acesso em 19/11/2022.

CHILD, David; WILSON, Nigel, MOHAMED, Hamza; NAJJAR, Farah. Russia-Ukraine latest updates: Germany to expel Russian envoys. Al Jazeera, 03/04/2022. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2022/4/3/russia-ukraine-live-news-un-chief-urges-independent-bucha-probe-liveblog>. Acesso em: 02/11/2022.

CHINA calls for restraint surrounding Bucha incident. Xinhua, 06/04/2022. Disponível em: <https://english.news.cn/20220406/be784fa52b1e4c548070923d645223e8/c.html>. Acesso em: 01/11/2022.

DON'T have elements to prove genocide says Di Maio. ANSA, Roma, 15/04/2022. Disponível em : https://www.ansa.it/english/newswire/english_service/2022/04/15/ansa/dont-have-elements-to-prove-genocide-says-di-maio_19f80595-9325-41cb-9526-2b39fbd2eddf.html. Acesso em: 08/11/2022.

FASSIHI, Farnaz. Russia rejects calls for a cease-fire to enable evacuations, saying Ukraine only wants time to arm. New York Times. Disponível em: [Russia Rejects Calls for a Cease-Fire to Enable Evacuations From Ukraine - The New York Times \(nytimes.com\)](https://www.nytimes.com/2022/03/20/world/europe/russia-rejects-calls-for-a-cess-fire-to-enable-evacuations-from-ukraine.html). Acesso em: 20/03/2024

FOREIGN Ministry: China calls for full investigation into Bucha killings. CGTN, 06/04/2022. Disponível em: <https://news.cgtn.com/news/2022-04-06/China-calls-for-full-investigation-into-Bucha-killings-190IUCMHCKs/index.html>. Acesso em: 08/11/2022.

GALL, Carlota; BEREHULAK, Daniel. Bucha's Month Of Terror. The New York Times, 2022. Disponível: <https://www.nytimes.com/interactive/2022/04/11/world/europe/bucha-terror.html?searchResultPosition=2>. Acesso em : 08/11/2022.

GETTLEMAN, Jeffrey. They Fell deeply in Love in Bucha. One Russian Bullet Ended it All. The New York Times, 2022. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2022/05/02/world/asia/ukraine-bucha-russia-atrocities.html>. Acesso em: 16/11/2022.

GLADSTONE, Rick. Up-Close Ukraine Atrocity Photographs Touch a Global Nerve. The New York Times, 2022. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2022/04/05/world/europe/russia-ukraine-war-atrocities.html?searchResultPosition=7>. Acesso em : 09/11/2022.

GUIMARÃES, Samuel. **Quinhentos anos de periferia**. Porto Alegre: UFRGS, 2000.

HANNA, Mike. UN chief urges independent probe of civilian deaths in Ukraine's Bucha. AL Jazeera, 04/04/2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QVnmMTaiuc8>. Acesso em: 02/11/2022.

HARRISON, Jody. Ukraine: Odessa targeted as Russia regroups in the south. The Herald, 2022. Disponível em : <https://www.heraldscotland.com/news/20041225.ukraine-odessa-targeted-russia-regroups-south/>. Acesso em 13/11/2022.

HERMAN, Edward S.; CHOMSKY, Noam. **A manipulação do público**. São Paulo: Futura, 2003.

HOBBSAWN, Eric. **Era dos Extremos**. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

HODGER, Hannah. Putin sends 130,000 conscripts to war as evidence of civilian killings grows. The Herald, 2022. Disponível em : <https://www.heraldscotland.com/politics/20044377.putin-sends-130-000-conscripts-war-evidence-civilian-killings-grows/>. Acesso em 11/11/2022.

KATCHANOVSKI, Ivan. The Maidan Massacre Trial and Investigation Revelations: Implications for the Ukraine-Russia War and Relations. **Russian Politics**, Vol. 8, No. 2, (July/August 2023), pp. 181-205.

_____. The Russia-Ukraine War and the Maidan in Ukraine. **SSRN**. 2022. Acesso em: <http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.4246203>

KHAN, Aina J; MARTINEZ, Andrés R. The U.N. Security Council meets as Ukraine accuses Russia of atrocities. New York Times, 2022. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2022/04/05/world/europe/un-security-council-russia-ukraine.html>. Acesso em: 20/03/2024

KREMLIN responds to Bucha war crimes claims. Russia Today, 04/04/2022. Disponível em: <https://www.rt.com/russia/553257-bucha-war-crimes-peskov/>. Acesso em: 03/04/2022.

LATOUCHE, Serge. **A ocidentalização do mundo**. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

LOSURDO, Domenico. **Imperialismo e questão europeia**. São Paulo: Boitempo, 2023.

_____. **A esquerda ausente - crise, sociedade do espetáculo, guerra**. São Paulo: Anita Garibaldi, 2016.

_____. **A não-violência: uma história fora do mito**. Rio de Janeiro: Revan, 2012.

_____. **Linguagem do Império**. São Paulo: Contraponto, 2010.

MAHBUBANI, Kishore. **A China venceu?** Rio de Janeiro: Intrínseca, 2021.

NYE JR, Joseph. **Compreender os conflitos internacionais**. Lisboa, Portugal: Gradiva, 2002.

POPE holds up Ukraine flag after Bucha cruelties. ANSA, Roma, 06/04/2022. Disponível em: https://www.ansa.it/english/newswire/english_service/2022/04/06/ansa/pope-holds-up-ukraine-flag-after-bucha-cruelties_948e40c5-6a28-45fe-8bc0-d82c84aee8b6.html. Acesso em 18/11/2022.

UKRAINE: Putin will answer for his actions, says Draghi. ANSA, Roma, 05/04/2022. Disponível em: https://www.ansa.it/english/newswire/english_service/2022/04/05/ukraine-putin-will-answer-for-his-actions-says-draghi-2_e74674c6-6bd8-4670-90ec-75d52c56e512.html. Acesso em : 18/11/2022.

SHOCK at Bucha images, guilty must pay - Di Maio. ANSA, Roma, 04/04/2022. Disponível: https://www.ansa.it/english/newswire/english_service/2022/04/04/shock-at-bucha-images-guilty-must-pay-di-maio-11_91143a8c-b7e2-4764-8503-89394158b735.html. Acesso em 12/11/2022.

MYRONIUK, Anna. I Didn't Think My Mom Would Escape Putin Twice. The New York Times, 2022. Disponível: <https://www.nytimes.com/2022/04/17/opinion/russia-ukraine-bucha-donetsk.html?searchResultPosition=4>. Acesso em: 08/11/2022.

MACWHIRTER, Iain. Ukraine's heroes are fighting for European civilization itself, so pass the ammunition. The Herald, 2022. Disponível: <https://www.heraldscotland.com/politics/20057980.iain-macwhirter-ukraines-heroes-fighting-european-civilisation-pass-ammunition/>. Acesso 11/11/2012.

NOWLIN, Mark. Mapa da Geral do território Ucrainiano. Washington, Seattle Times, 2023. Associated Press. Disponível em: <https://www.seattletimes.com/business/police-investigating-killings-of-12000-ukrainians-in-war/>. Acesso em: 19/03/2024.

SABJAK, Ema. Ukraine: International condemnation after reports of mass killings near Kyiv. The Herald, 2022. Disponível em: <https://www.heraldscotland.com/news/20042211.ukraine-international-condemnation-reports-mass-killings-near-kyiv/>. Acesso em 12/11/2022.

UKRAINE: More than 5000 civilians killed in Mariupol. The Herald, Escócia, 07/04/2022. Disponível em: <https://www.heraldscotland.com/news/20051152.ukraine-5000-civilians-killed-mariupol/>. Acesso em: 12/11/2022.

MACKAY, Neil. Neil Mackay: As Ukraine slaughter continues, what's the point of the United Nations?. The Herald, 2022. Disponível em : <https://www.heraldscotland.com/politics/20049350.neil-mackay-ukraine-slaughter-continues-point-united-nations/>. Acesso em 16/11/2022.

MIGUEL, Luis. Os meios de comunicação e a prática política. **Lua Nova**, n. 55-56, 2002, pp. 155-184.

MOSCOW to launch probe into Bucha footage of dead civilians. CGTN, 04/04/2022. Disponível em: <https://news.cgtn.com/news/2022-04-04/Moscow-to-launch-probe-into-Bucha-footage-of-dead-civilians-18XNHMH5FiU/index.html>. Acesso em 09/11/2022.

PAUTASSO, Diego. A Nova Rota da Seda e seus desafios securitários: os Estados Unidos e a contenção do eixo Sino-Russo. **Estudos Internacionais**. v. 7, 2019, pp. 85-100.

_____. Da política de contenção à reemergência: a Rússia volta ao tabuleiro. **Austral: Revista Brasileira de Estratégia & Relações Internacionais**. v.3, n.6, Jul.-Dez., 2014, pp. 73-94.

_____.; AZEREDO, Rafael. Expansão do poder dos Estados Unidos: o caso da Líbia. **Tensões Mundiais**. v. 7, 2011, pp. 169-192.

PEÑA, Ricardo Pérez. Zelensky Accuses Russia of Atrocities and Criticizes U.N. 's Inaction. The New York Times, 2022. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2022/04/05/world/europe/zelensky-un-security-council.html?searchResultPosition=4>. Acesso em: 03/11/2022.

PENTAGON confirms 'complete withdrawal' of Russian troops. Russia Today, 07/04/2022. Disponível em: <https://www.rt.com/russia/553432-pentagon-confirms-complete-withdrawal-of/>. Acesso em: 04/11/2022.

PHOTOS: Russia launches 'full-scale invasion' in Ukraine. Al Jazeera, 24/02/2022. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/gallery/2022/2/24/photos-russia-launches-full-scale-invasion-in-ukraine>. Acesso em: 17/11/2022.

PRASHAD, Vijay. **Balas de Washington** – uma história da CIA, golpes e assassinatos. São Paulo: Expressão Popular, 2020.

RITTER, Scott. The truth about Bucha is out there, but perhaps too inconvenient to be discovered. Russia Today, 04/04/2022. Disponível em: <https://www.rt.com/russia/553293-bucha-war-crimes-truth/>. Acesso em 04/11/2022

RODGER, Hannah. Russian atrocities in Bucha could be genocide, Johnson says. The Herald, 2022. Disponível em: <https://www.heraldscotland.com/politics/20049483.russian-atrocities-bucha-genocide-johnson-says/>. Acesso em: 12/11/2022.

RUSSIA and Ukraine trade accusations over Bucha civilian deaths-Timeline. Russia Today, 04/04/2022/. Disponível em: <https://www.rt.com/russia/553274-bucha-war-crimes-allegations/>. Acesso em: 03/11/2022.

RUSSIA calls Security Council meeting over Bucha. Russia Today, 03/04/2022. Disponível em: <https://www.rt.com/russia/553242-bucha-un-security-council/>. Acesso em: 05/11/2022.

RUSSIA denies military forces killed Bucha civilians in Ukraine. Al Jazeera, 04/04/2022. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2022/4/4/kremlin-rejects-accusation-russian-forces-killed-bucha-civilians>. Acesso em: 02/11/2022.

RUSSIA denies Ukraine war-crimes allegations. Russia Today, 03/04/2022. Disponível em: <https://www.rt.com/russia/553231-bucha-war-crimes-allegations-denied/>, Acesso em: 02/11/2022.

RUSSIAN'S invasion of Ukraine: List of key events on day 50. Al Jazeera, 14/04/2022. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2022/4/14/russias-invasion-of-ukraine-list-of-key-events-on-day-50>. Acesso em: 09/11/2022.

RUSSIA rejects Ukraine's Bucha killings accusations. CGTN, 04/04/2022. Disponível em: <https://news.cgtn.com/news/2022-04-04/Russia-rejects-Ukraine-s-Bucha-killings-accusations-18Xyt9hPLS0/index.html>. Acesso em: 09/11/2022.

SYNENKO, Alyona. Bucha residents picking up the pieces of shattered lives. Al Jazeera, 01/05/2022. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/gallery/2022/5/1/photos-bucha-residents-picking-up-the-pieces-of-shattered-lives>. Acesso em 17/11/2022.

UN chief urges independent investigation into Bucha killings. CGTN, 05/04/2022. Disponível em: <https://news.cgtn.com/news/2022-04-05/UN-chief-urges-independent-investigation-into-Bucha-killings-18YFGM2AkE0/index.html>. Acesso em 08/11/2022.

UN chief welcomes Security Council speaking with one voice for peace in Ukraine. Xinhua, 07/05/2022. Disponível em: <https://english.news.cn/20220507/f4c0032501324d6d94a8e6e931881542/c.html>. Acesso em 12/11/2022.

UN Security Council to address food security, Russia-Ukraine conflict in May. Xinhua, 04/05/2022. Disponível em: <https://english.news.cn/europe/20220504/91cd640889e645828f5e3e7f8ff16e67/c.html>. Acesso em: 12/11/2022.

VOSS, Michael. UN war crimes inquiry collects evidence in Bucha and Irpin. CGTN, 16/06/2022. Disponível em: <https://newseu.cgtn.com/news/2022-06-16/UN-war-crimes-inquiry-collects-evidence-in-Bucha-and-Irpin-1aTuP4Gk0VO/index.html>. Acesso em 10/11/2022.

SACHS, J. The Ninth Anniversary of the Ukraine War. <https://www.jeffsachs.org/newspaper-articles/yjae8gc8hp2p293tmt4dlr4z2dpe2s>. 2023

WALT, Stephen. The Myth of American Exceptionalism. Foreign Policy. Outubro, 2011.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e materialismo**. São Paulo: UNESP, 2011.

WEST'S sanctions turn Ukraine conflict into "global economic war": Hungary's Orban. Xinhua, 26/09/2022. Disponível em: <https://english.news.cn/20220926/85114db86569435cbfac154fa477c11d/c.html>. Acesso em: 09/11/2022.